

AS CONSTRUÇÕES COM O CONECTOR MAS E A CONTRA- ARGUMENTAÇÃO NA ORGANIZAÇÃO TÓPICA DE UMA ELOCUÇÃO FORMAL

THE CONSTRUCTIONS WITH BUT AND THE OPOSITIVE ARGUMENTATION IN THE TOPICAL ORGANIZATION OF A FORMAL UTTERANCE

Bougleux Bonjardim da Silva Carmo¹

Resumo: O presente artigo analisa e descreve a multifuncionalidade do conector discursivo *mas* em construções contra-argumentativas, como elemento partícipe da organização tópica no texto oral formal. A partir da noção de tópico discursivo (JUBRAN *et al*, 2002; FÁVERO, 2003; JUBRAN, 2006; PINHEIRO, 2006; PENHAVEL, 2011; PENHAVEL; GARCIA, 2017) e nos conceitos relativos às construções contrastivas e contra-argumentativas (ALOMBA RIBEIRO, 2005; WELP, 2005; PORTOLÉS, 2001; NEVES, 2000; ANTUNES, 2005; FÁVERO, 2003; ANSCOMBRE; DUCROT, 1994) realizou-se uma análise descritiva e qualitativa de 29 ocorrências em uma elocução formal - EF, oriunda do projeto NURC / RJ, correspondendo ao *corpus* desta pesquisa. Como resultado, demonstra-se que a presença do conector *mas* sinaliza uma diversidade de sentidos, nos quais se envolvem elementos semânticos, pragmáticos, argumentativos e inferenciais que participam na articulação dos segmentos tópicos. Igualmente, postula-se o ato contra-argumentativo, em seus diversos graus de manifestação, como fator de segmentação tópica e episódica. Finalmente, são determinadas as funções proeminentes assumidas pelo conector em estudo.

Palavras-chave: Articulação tópica. Contra argumentação. Elocução formal. Mas.

Abstract: *This article analyzes and describes the multifunctionality of the discursive connector but in constructions with opositive argumentation, as element of the topical organization in oral text. From the notion of discursive topic (JUBRAN et al, 2002; FÁVERO, 2003; JUBRAN, 2006; PINHEIRO, 2006; PENHAVEL, 2011; PENHAVEL; GARCIA, 2017) and about opositive argumentation and contrastive constructions (ALOMBA RIBEIRO, 2005; WELP, 2005; PORTOLÉS, 2001; NEVES, 2000; ANTUNES, 2005; FÁVERO, 1999; ANSCOMBRE; DUCROT, 1994) we did a descriptive and qualitative analysis of 29 occurrences in a formal utterance - FU, from the project NURC / RJ. So, these occurrences compose the corpus of this work. As a result, it's demonstrated the diversity of meaning regarding to use of this connector. In addition, it show the semantic, pragmatic, argumentative and inferential elements in the articulation of the segments. Also, we postulate the anti-oriented argumentation as an discursive act with its various degrees of manifestation and as a part of the topical and episodic segmentation.*

Keywords: *Topical articulation. Anti-oriented argumentation. Formal utterance. But.*

Introdução

O objetivo central desse artigo é descrever as nuances semânticas, argumentativas e pragmáticas assinaladas pelo conector *mas*, na articulação de construções discursivas

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC / Profletras. Docente da Rede Estadual de Ensino da Bahia - SEC e colaborador na Especialização em Linguística Aplicada, na Universidade do Estado da Bahia - UNEB / Campus X. Email: bug7raio@gmail.com

contra-argumentativas, em uma elocução formal. Mais precisamente, analisa-se a contra-argumentação como parte das estratégias de articulação tópica no discurso formal.

Nessa direção, procura-se demonstrar como o *mas* apresenta funções textuais e interacionais implicadas em vários movimentos argumentativos. Nessa apreciação descritivo-analítica, de cunho qualitativo, toma-se o princípio da argumentatividade inerente à língua (ANSCOMBRE, DUCROT, 1994) e a caracterização cognitivo-pragmática para a compreensão do conector discursivo em destaque, dentro do conjunto dos marcadores do discurso (ALOMBA RIBEIRO, 2005; PORTOLÉS, 2001; RISSO; SILVA; URBANO, 2002).

Para tanto, constituiu-se uma elocução formal como *corpus* de análise. Trata-se de um texto monológico, do Projeto de Estudos da Norma Linguística Urbana (Projeto NURC). Além disso, assume-se a noção de tópico discursivo como categoria de análise, bem como o texto num contínuo tipológico, no qual elementos estruturais, inferenciais, pragmáticos e textuais corroboram na construção de sentidos e da interação enunciativa (JUBRAN *et al.*, 2002; JUBRAN, 2006; PENHAVEL, 2011).

A partir desse escopo teórico, pretende-se uma averiguação mais detida das ocorrências com *mas*, no intuito de se verificar a validade das taxinomias apresentadas na literatura e em virtude do quantitativo incipiente de pesquisas que investigam as funções desse conector na oralidade (CASTILHO, 2004; SELLA, 2008; URBANO, 1999). Portanto, a escolha da elocução formal como espaço da manifestação da contra-argumentação motiva-se em contribuir com esse conjunto de estudos que se debruçam sobre a língua falada e acerca da articulação tópica mediante marcadores do discurso (PENHAVEL, 2011; PORTOLÉS, 2001).

Diante dessas considerações, este artigo assim se planifica: no primeiro momento expõe-se uma síntese acerca da Organização Tópica do texto e dos princípios semântico-pragmáticos da contra-argumentação. Em seguida, são expostos os aspectos metodológicos adotados. Na sequência, tem-se a análise das ocorrências e as conclusões desta investigação.

A Organização Tópica do Texto

Adotar o tópico discursivo como categoria de análise textual-interativa pressupõe a compreensão do texto como um elemento formulado e estruturado numa simultaneidade de fatores pragmáticos, inferenciais, situacionais, textuais e interacionais (JUBRAN *et al.*, 2002; PINHEIRO, 2006). Essa noção é definida, no quadro da Gramática Textual-Interativa (JUBRAN *et al.*, 2002; JUBRAN, 2006), como um processo no qual se envolvem componentes da interação e elementos contextuais que se manifestam na enunciação, além de apresentar propriedades que corroboram para sua caracterização e delimitação enquanto categoria e estatuto discursivo. Para tanto, o aspecto temático e os objetos do discurso são “considerados e manifestados como o assunto sobre o qual o discurso se porta” (PINHEIRO, 2006, p. 44). Assim, Jubran *et al.* (2002, p. 344) postulam que:

Tomado no sentido geral de ‘acerca de’ – o tópico manifesta-se, na conversação, mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem.

Como complementação, Pinheiro (2006) destaca o caráter analítico dessa noção. Nesse sentido, o plano global e organizacional do texto vale-se dessa categoria ao mesmo tempo textual e interacional. Portanto, ao pontear a interação, o tópico se converte em um “acerca de” que centra e organiza o discurso, valendo-se ainda do processo inferencial, cognitivo e contextual (KOCH, 1996).

Sob esse prisma, as propriedades definidoras do tópico discursivo são a centração e a organicidade. Quanto à centração caracteriza-se pelos traços, a saber: (i) concernência, que diz respeito à interdependência entre os elementos textuais, integrados pelos processos de coesão referencial e lexical, sendo o alvo da interação; (ii) relevância, isto é, o estatuto da proeminência ou projeções focais de determinados elementos do texto; (iii) a pontualização ou integração entre concerência e relevância, em certo ponto do texto com finalidades interacionais (FÁVERO, 2003; JUBRAN *et al.*, 2002; JUBRAN, 2006).

Em relação à organicidade, determinam-se os seguintes elementos: (i) hierarquização horizontal ou linearização, isto é, na forma como os segmentos tópicos em diferentes proporções se interpõe ou se articulam no plano intertópico; (ii) hierarquização

vertical, relativa à ordenação, graus de abrangência e as implicações discursivas, em termos de dependência (JUBRAN, 2006). A referida autora afirma que essa propriedade se estende também à ordenação intratópica, ou seja, hierarquização entre segmentos tópicos mínimos. Ainda em termos de conceito da categoria de análise, Fávero (2003, p. 45) afirma que “ele é antes de tudo uma questão de conteúdo, estando na dependência de um processo colaborativo que envolve os participantes do ato interacional”.

Em consequência dessas colocações, é possível postular que na elocução formal, por exemplo, apesar de monológica, a estrutura linguística, a construção argumentativa e outros elementos contextuais e inferenciais sinalizam uma interlocução, independente do interlocutor ser real, potencial ou virtual e em diferentes graus de proeminência que se sinaliza no plano textual da elocução.

É preciso esclarecer que os princípios teóricos adotados se estabelecem num contínuo entre fala-escrita. Como quer Brandão (2003), não se traça uma dicotomia entre essas modalidades, uma vez que a análise tópica se desvela nesse *continuum* tipológico. Sob essa ótica, no caso de uma elocução formal, essa dinâmica entre fala-escrita se converge para a definição de seu estatuto enquanto gênero em muitos pontos. Nessa direção, destaca-se a posição de Castilho (2004) quanto à questão da relação fala-escrita, na qual, para o referido autor, o tópico discursivo está na intersecção discurso-gramática, isto é, uma categoria que vale tanto para a análise do conteúdo temático, quanto para a fronteirização setencial.

Valendo-se desses conceitos, os segmentos tópicos (doravante SegT) são analisados considerando o contexto em que se inserem na elocução. Dessa forma, convém investigar a contra-argumentação como elemento estruturador textual-interativamente dos SegT. Na seção seguinte são explanados alguns princípios dessas construções sinalizadas por *mas*.

O ato contra-argumentativo e um conector multifuncional

O conceito de contra-argumentatividade é definido pelos estudos pragmáticos que consideram a interposição de diversos elementos que intervêm na constituição dos

enunciados, cuja natureza predomina o contraste, oposição, atenuação, eliminação, comparação, exclusão, compensação e/ou confronto entre os elementos articulados. Definido como ato interativo, caracteriza-se por um movimento argumentativo completo (ALOMBA RIBEIRO, 2005). Como parte da articulação, no conjunto dos marcadores discursivos, há um grupo de conectores que sinalizam semântica e pragmaticamente instruções argumentativas profundas (PORTOLÉS, 2001). Assim, nesse grupo, há um subconjunto de conectores, chamado de contra-argumentativos, dentre os quais se insere o *mas*, como elemento prototípico e que porta uma multifuncionalidade acentuada (ALOMBA RIBEIRO, 2005).

Mais ainda, para Montolío (2001) trata-se de uma composição enunciativa anteriorizada, posto que o membro discursivo introduzido por esse conector posiciona-se como mais forte argumentativamente, já que anula determinadas inferências esperadas do primeiro membro. Nesse sentido, o *mas* seria um conector integrado, atrelado à construção sintática do enunciado. Tal anteriorização enunciativa é ilustrada por Anscombre e Ducrot (1994), conforme o esquema lógico, assim posto: enunciar A, mas B supõe, portanto, apresentar-se A como um argumento para uma conclusão C e apresentar B como um argumento contrário a C (não-C). Em decorrência desse estatuto, assinala-se B mais força argumentativa a favor de não-C do que tem A a favor de C. Finalmente, numa sequência “A, mas B” manifesta-se, pois, uma hierarquia argumentativa a favor da não-C.

A partir desse esquema lógico, diz-se que numa construção do tipo “*p mas q*” dá-se a entender que “*p*” é utilizado a favor de determinada conclusão “*C*” e “*q*” a favor de uma conclusão inversa. Dessa forma, a anteriorização não se dá somente entre proposições, senão entre as conclusões esperadas por cada proposição (ANSCOMBRE; DUCROT, 1994).

Nesse movimento polifônico, no qual um dos interlocutores aceita um determinado argumento, entretanto introduz um novo membro discursivo que invalida as inferências esperadas pelo primeiro, altera-se a direção argumentativa e, com isso, as conclusões esperadas (ALOMBA RIBEIRO, 2005). Na verdade, do ponto de vista funcional, o *mas* sinaliza a contra-argumentação por meio de diversas funções como, por exemplo, as funções de compensação, de comparação, de descompensação, de inclusão, interativa conversacional, de objeção, função pragmática, de superação e de justificativa, além de

função adversativa prototípica descrita na gramática tradicional, tal como em Bechara (1999).

Nessa mesma direção, consoante Welp (2005), não se pode compreender esse conector sem uma visão argumentativa da linguagem, dada a multiplicidade de contextos em que se insere, já que “a oração que o *mas* inicia não elimina o elemento anterior, mas admite-o explícita ou implicitamente e a ele se contrapõe. Essa contraposição pode ser em direção oposta, na mesma direção ou em direção independente” (WELP, 2005, p. 310). Para tanto, sua análise semântico-argumentativa deve considerar o jogo de vozes pressupostas em cada enunciado vinculado. A partir dessa análise, é possível determinar os graus da contraposição. De qualquer forma, a referida autora se vale da classificação proposta por Vogt (1980) para análise semântico-argumentativa do conector aqui analisado.

Sendo assim, para Vogt (1980), do ponto de vista estrutural, apresenta duas possibilidades de interpretação, a saber: o *masPA* e o *masSN*, nos seguintes termos:

O *masSN* serve para retificar, vem sempre depois de uma proposição negativa ‘*p* = *não p*’, e introduz uma determinação *q* que substitui a determinação *p* negada em *p* e atribuída a um interlocutor real ou virtual: *ele não é inteligente, mas apenas esperto*. O *masPA*, ao contrário, não exige necessariamente que a proposição precedente, *p*, seja negativa. Sua função é introduzir uma proposição *q* que orienta para uma conclusão não-*r* oposta a uma conclusão *r* para a qual *p* poderia conduzir: *ele é inteligente, masPA estuda pouco*. (VOGT, 1980, p. 104 – grifos do autor).

Para fins deste trabalho, além das funções acima, são adotadas as taxionomias proposta por Alomba Ribeiro (2005) e Neves (2000) para análise dos segmentos tópicos. Portanto, reporta-se a essas pesquisas para detalhamento de cada função, fator que não pode ser realizado neste trabalho, em decorrência de seus limites.

Enunciado, segmentação tópica e a noção de episódio

Nesta seção, importa refinar e delimitar algumas das categorias a serem aplicadas na análise das ocorrências em que vigoram a presença do conector *mas*. Nessa direção,

adotam-se os pressupostos de Jubran (2006) e Penhavel e Garcia (2017) quanto à divisão dos Segmentos Tópicos (SegT). Dessa maneira, cada episódio ou SegT pode ser analisado em outros SegT mínimos. A segmentação pode ou não ser articulada textual-iterativamente por marcador discursivo, como também os marcadores apresentam traços ora voltados para o texto, ora para a interação, ou mesmo conjugados (PENHAVEL, 2011).

Diante disso, a noção de enunciado é assumida como a manifestação do tópico discursivo, mediante SegT (JUBRAN, 2006). A semântica argumentativa trata o enunciado como a realização concreta da frase (DUCROT, 1987). Entretanto, considera-se que essa noção não dê conta da diversidade de realização das formas de segmentação, bem como pressupõe uma estruturação por critérios unicamente sintáticos. Em todo caso, a visão argumentativa apresentada em Anscombe e Ducrot (1994) para a função argumentativa do *mas* se mostra profícua, no sentido de compreender a vinculação argumentativa por esse conector no sentido de uma anterioridade e de posterioridade dos elementos por ele vinculados.

A partir disso, a noção de SegT pode se estruturar gramaticalmente diferente da ordem canônica e em diferentes “porções” que não se realizam necessariamente como frase, no sentido estrutural e gramatical do termo (BECHARA, 1999). De fato, Portolés (2001) postula que os marcadores vinculam membros do discurso, que por sua vez, se manifestam em diferentes proporções na enunciação e na organização textual-discursiva. Em suma, como postula Pinheiro (2006), o SegT constitui-se de um conjunto de enunciados tematicamente centrados, encontra-se pontualizado no evento comunicativo e está submetido à hierarquização da organização tópica geral.

Além dessas características, cada segmento pode ser tomado como um episódio, nos termos de Dijk (2008). O referido linguista explica que, do ponto de vista semântico, é preciso considerar determinadas unidades que compõem o discurso influenciando as proposições e, por conseguinte, as relações de encadeamento entre essas unidades. Dessa forma, tais segmentos são chamados de episódios e esses, por sua vez, constituem-se em uma noção intuitiva concebida como parte de um todo, com começo e fim, denotando sequências de eventos ou ações, formando, em última instância, uma sequência de proposições.

Nessa acepção, os episódios, vistos como macroproposições, são explicados em termos de unidade semântica coordenados por macrorregras. Segundo o referido autor, as macrorregras são influenciadas por *frames* e *scripts*, conhecimento e crença dos usuários da linguagem.

Nesses termos, ressalta Dijk (2008, p. 104), “relevância teórica da noção de episódio reside, sobretudo, no fato de que temos agora uma unidade textualmente baseada, que corresponde à noção anterior de macroproposição”. Nesse contexto, podem-se determinar as propriedades linguísticas e cognitivas dessa unidade textual. De todo modo, a noção de episódio corrobora para a delimitação dos SegT em termos de pontualização (JUBRAN, 2006).

Metodologia: caracterização da pesquisa e do *corpus*

Em termos metodológicos, faz-se uma análise descritiva e qualitativa empreendendo aproximações entre as categorias determinadas pela Pragmática (PORTOLÉS, 2001; ALOMBA RIBEIRO, 2005), Semântica Argumentativa (ANSCOMBRE; DUCROT, 1994; VOGT, 1980), da Gramática Textual-Interativa (URBANO, 1999; CASTILHO, 2004), no contínuo entre fala-escrita para as funções do *mas*, isto é, são funções que podem ser encontradas nas duas modalidades, com maior ou menor proeminência.

Para tanto, o *corpus* se constitui de uma elocução formal² (EF), o inquérito 356 do Projeto NURC-RJ que tem por Tópico Discursivo a criatividade e redação no nível superior de ensino. Essa EF tem duração de aproximada de 40 minutos, data de registro de 03 de maio de 1977, na qual a informante é do sexo feminino, 30 anos, com formação universitária em Letras, carioca, de pais cariocas e residente da Zona Sul da capital, conforme os dados da etiquetagem.

² Projeto Norma Linguística Urbana Culta – RJ, Listagem dos inquéritos que contém áudio já armazenado no sítio. Elocuções Formais: *Corpus* de língua falada. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/corpora/ef/ef_356.htm>. Acesso em: 26 fev. 2017.

Nesse contexto, foram encontradas 29 ocorrências da presença do *mas* em 22 segmentos tópicos ou episódios. No texto transcrito, presente no sítio da Universidade Federal do Rio de Janeiro, do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, não há a numeração de linhas. Por isso, cada segmento tópico foi isolado para ser analisado e descrito, tendo em consideração a delimitação do episódio ou SegT construído por meio de um ato contra-argumentativo. Como também, os segmentos foram numerados de acordo sua ordem de ocorrência e agrupados pela semelhança de funções. Na análise, foi possível a subdivisão de um SegT em SegT mínimos, nos casos em que esse procedimento foi necessário.

Tendo em conta que, do ponto de vista global de sua composição, a EF pode ser considerada um único enunciado e a segmentação tópica torna-se passível de ser determinada (FÁVERO, 2003; JUBRAN, 1996). Nesse ínterim, a delimitação se deu em função da pontualização do ato contra-argumentativo. Portanto, aceitando a posição mediadora do *mas* na construção sintática, determinou-se as porções tópicas que o conector articula. De todo modo, a centração e a organicidade, por meio da hierarquização inter e intratópica corroboram para a delimitação (JUBRAN, 1996; PENHAVAL; GARCIA, 2017), além da noção de episódio (DIJK, 2008).

Finalmente, cada “bloco” destacado para descrição e análise do *corpus* desta pesquisa corresponde a um episódio ou SegT, tomados aqui como sinônimos, do ponto de vista cognitivo-textual (JUBRAN, 2006; DIJK, 2008).

Funções do *mas* averiguadas na Elocução Formal 356

O tópico discursivo, na qual desenvolve a elocução analisada, diz respeito a análise do problemas da redação e da criatividade na expressão linguística no ensino. Nesse caso, discorre-se sobre o ensino de língua portuguesa nas universidades e nas escolas, como já apontado. Na sequência, os SegT estão dispostos na ordem de ocorrência e, dessa forma, é possível destacar os elementos postos no ato contra-argumentativo.

No segmento (1), o conector apresenta sua função prototípica adversativa, anulando a inferência do primeiro SegT mínimo, pois pressupõe-se que cursos específicos de teatro e retórica demandam tempo e, portanto, não atendem aos interesses imediatos de melhora do

processo da escrita e da oralidade. Em suma, o dito no enunciado introduzido pelo *mas* anula a pressuposição do primeiro:

(1) [SegT1] ... julgamos que para o desenvolvimento pleno da expressão oral... seriam necessários... em nível superior... cursos específicos de arte dramática... visando ao teatro... e de retórica... campo fértil e interessante sem dúvida... mas que foge um pouco aos nossos interesses imediatos..

Na segunda ocorrência, o conector apresenta sua *função aditiva*, tal como apresentada na literatura (NEVES, 2000; ALOMBA RIBEIRO, 2005). Com efeito, os três enunciados, detacados por pausas, que formam o segundo SegT mínimo, que é introduzido pelo conector com a locução “mas também”, não invalida o primeiro segmento, tão somente acrescenta nova informação. A gramática tradicional (CUNHA; CINTRA, 2008) já registra essa função:

(2) [SegT2] - .eu parti da análise... eu fiz a análise de mais ou menos:... vinte e cinco livros didáticos... mas também utilizei os resultados... que saíram... numa reportagem do Jornal do Brasil...

Essa mesma função aditiva pode ser verificada as ocorrências (3) a (5) destacadas a seguir. Em (4) é claramente aditiva. No SegT6 em (3) a locução é pressuposta. As funções se efetivam em termos de vínculos semânticos, lógicos, pragmáticos e inferenciais, nem sempre expresso linguisticamente, como em (3), ou mesmo deslocadas, como no SegT9 em (5):

(3) [SegT6] - davam-se informações não só de literatura... mas da realidade brasileira... ao introduzir um texto de Graciliano Ramos...

(4) [SegT8] - ela parte da comunicação em geral... ela parte... do código... lingüístico mas também... focaliza outros meios de comunicação que não sejam... o da linguagem articulada...

(5) [SegT9] - diversas modalidades... de... linguagem... bom... mas ao lado deste bom livro de Maria Helena Silveira... há também o da Ada Rodrigues que é muito bom... aparecem livros... deste tipo... os livros... são muito coloridos... eles são muito... Atrativos...

Em (5) ainda é possível destacar que a inserção de uma enunciado contra-argumentativo a partir de uma estratégia de formulação, tal como sinalizado pelo marcador “bom”, pode indicar a abertura de tópico (CASTILHO, 2004; URBANO, 1999). No texto

dialogado ou conversacional é comum a *função de abertura de turno ou tópico*, pois trata-se de uma função ratificada na literatura, dentre os aspectos basicamente interacionais do *mas* (CASTILHO, 2004; URBANO, 1999; NEVES, 2000; ALOMBA RIBEIRO, 2005).

No SegT3 em (6) o conector introduz uma *restrição*: “ele mostra que houve uma troca” e, em seguida, expressa linguisticamente a inferência desse SegT mínimo. De fato, a locutora discute, na elocução, a inserção de pessoas vinculadas às mídias e literatos no contexto dos livros didáticos, porém apresenta um ponto negativo dessa inserção que não conduz à leitura das obras em si, senão apenas de versões sobre os autores. Neves (2000) assim expressa essa função: *marcação de restrição* com acréscimo de informação do que acaba de ser enunciado, portanto: {P} → mas {Q + elemento restritivo}.

(6) [SegT3] - e eu particularmente sou a favor... da inserção de meios de comunicação de massa na divulgação do ensino do idioma... mas ele mostra que houve uma troca... em vez... de se estudarem os autores literários pela literatura em si... se estuda um autor literário a partir dos meios de comunicação de massa...

O episódio posto em (7) pode ser analisado do ponto de vista semântico-argumentativo (VOGT, 1980). Nesse exemplar, há uma primeira superposição de atos contra-argumentativos. As justificativas apresentadas pela locutora são distribuídas argumentativamente da mais fraca à mais forte pelo conector:

(7) [SegT4] - então o ensino se mostrava totalmente inoperante... os textos eram... escolhidos sobretudo ATÉ Camilo Castello Branco... ou seja... Camões... Dom Dinis... Almeida Garrett... e... até Camilo Castello Branco se ia... até Olavo Bilac se ia... mas depois disso não havia mais citações de texto... não é que eu tenha nada contra... contra Camões... ao contrário... não tenho nada contra Camilo Castello Branco... mas eu acho que no primeiro e no segundo graus... o... aluno ainda não tem a capacidade e a maturidade para entrar em contato com um texto deste tipo...

Ao desaprovar o uso de textos literários apenas para análise sintática nos livros didáticos, a locutora primeiramente enuncia os exemplos no SegT mínimo anteposto ao conector e introduz um enunciado que contraria sua expectativa, isto é, de haver outros usos dos textos para além da análise sintática. Nessa ocorrência o *mas* marca função de *quebra de expectativa*, isto é, fica pressuposto que a locutora esperava que os textos

fossem usados para outros objetivos além do estudo sintático. Essa função aproxima-se semanticamente da função *masPA* em Vogt (1980).

Em seguida, no SegT10 mínimo formulado após o primeiro ato contra-argumentativo, mais uma vez um conector *mas* introduz novo enunciado opositivo. Objetando inferências de que alguém poderia pressupor que a locutora não aprecie os autores citados ou concorde que eles estejam presentes nos livros de língua portuguesa, o *mas* introduz um argumento retificador. Isto é, alude ao não uso dos escritores mencionados no ensino secundário, tendo em vista a falta de maturidade dos (as) estudantes. Essa *função retificadora* é apontada também por Vogt (1980) como *masSN* e está presente no oitavo exemplo com base na seguinte pressuposição: “o fato de utilizar textos de personalidade conhecidas na mídia não pressupõe que tais textos tenham valor literário”:

(8) [SegT10] - o alu/ o professor escolhe... o texto... porque o aluno... vai ficar satisfeito com aquele texto na medida em que ele conhece o Chico Anysio da televisão... mas nem sempre um trecho do Chico Anysio vai trazer... elementos estéticos ou elementos literários pertinentes à matéria a ser transmitida...

No episódio apresentado em (9) apresenta-se a *função de contraste* - positivo x negativo (ou vice-versa), tal como apontados em Neves (2000):

(9) [SegT5] - "Manual de Português Para Terceira e Quarta Séries... do professor Celso Cunha... que... hoje em dia... já está antiquado... já não é mais dotado... mas na época... inovou bastante... a metodologia do ensino...ou seja ele trouxe citações de escritores modernistas... não só modernistas... havia uma mistura EQUILIBRADA entre Camões... Dom Dinis... Camilo Castello Branco... Olavo Bilac... Carlos Drummond de Andrade... Fernando Pessoa... Fernando Sabino... Rubem Braga... Graciliano Ramos... etc... mas... esse manual também não funcionava ainda em termos estruturais...

Assim, articula-se o contraste entre as ideias de “manual que já está antiquado” x “manual que já inovou bastante”. O episódio ainda é construído com um segundo ato contra-argumentativo marcando a mesma função de contraste: “mistura equilibrada de autores” x “não funcionava em termos estruturais”. A presença da pausa após a segunda ocorrência do *mas* nesse episódio pode indicar um ou mais fatores, a saber: (i) a pausa prosódica tem relação com o planejamento *online* da oralidade; (ii) a locutora não tem certeza do que pretende enunciar em seguida e, portanto, busca na memória o conteúdo

mais relevante (SPERBER; WILSON, 2001). Tal *função contrastante* também está presente no SegT11, disposto no exemplo (10), em que parece vigorar a ideia “aceitar a presença dos meios de comunicação em massa” x “não ampliar demais”:

(10) [SegT11] - não adianta nós lutarmos contra os meios de comunicação de massa... porque... se nós não o... os colocarmos nos livros... nós estaremos fora da realidade dos alunos... porque os... eles já entraram no aluno... não adianta afastar essa possibilidade... mas no momento em que nós ampliamos demais... né? nós corremos o risco... de dar informações deste tipo...

Mais uma vez, o contraste positivo x negativo se mostra profícuo, já que permite a articulação de argumentos contrário, como se mostra em (11) a (13). O peso do argumento introduzido por *mas* é endossado mediante SegT mínimos subsequentes e explicativos:

(11) [SegT13] - eu ainda teria muito a dizer... sobre... o... os livros didáticos que me parecem... éh... bons na intenção... mas bastante deficientes na realização... éh... o que me parece que fica... em geral... a crítica geral que se pode fazer é esta... há uma mistura de conceitos... lingüística e gramática normativa se misturam...

A referida função está bastante marcada nos excertos abaixo:

(12) [SegT16] - "absolutamente nenhuma... a medida... está tendo o maior apoio no vestibular... nós somos responsáveis pelo vestibular... mas com o primeiro e segundo graus nós não temos nada... e nós não vamos mexer nesse sistema..."

(13) [SegT21] - ele continua a falar na gíria dele... no no... registro informal e... quando escreve alguma coisa... ele tem sempre medo... ele acha que aquilo não está correto e acaba cometendo mesmo... ultracorreções... ou seja... coloca formas que estão incorretas mas que ele pensa que estão corretas...

No exemplo do SegT7 em (14), o enunciado introduzido pelo conector expressa uma resposta à inferência: “se há outros livros para analisar, isso exigirá mais tempo”. Dessa forma, o *mas* sinaliza a importância da proposição subsequente, isto é, do que precisa dizer, ratificando sua verdade. Nesse sentido, o conector marca sua *função de objeção* (ALOMBA RIBEIRO, 2005):

(14) [SegT7] - eu ainda faço a análise de outros livros mas eu acho que eu iria... encomprar muito... eu ainda tenho aqui... vinte minutos e eu gostaria de chegar ao cerne da questão até o final do meu tempo...

No segmento (15) a seguir, há dois atos contra-argumentativos. Ambos atos também marcam a *função de objeção* do argumento introduzido pelo conector:

(15) [SegT14] - ... e nós poderíamos inclusive convidar escritores... e pessoas interessadas no assunto para julgarem estas obras... isso motivaria o aluno a escrever... mas acontece que... nós não temos essas condições e o que eu sugiro no meu trabalho... e a minha conclusão é a de que ensinar é saber lidar com o possível... ou seja... eu não pretendo aqui... uma reforma estrutural... básica do sistema... porque esta é desejável mas... no momento impossível e improvável... o que eu desejaria

No exemplar a seguir, dois atos contra-argumentativos são construídos. No primeiro SegT mínimo a função adversativa prototípica está presente na relação “conceitos teóricos com nomenclatura sofisticada” x “conceitos mal empregados”. Como as nuances de sentido variam em graus, ou seja, podendo haver sobreposição de funções, não deixa de haver uma marcação de contraste positivo-negativo. Na segunda ocorrência deste episódio vigora, mais uma vez, o *masSN* retificador, já que a locutora expõe utilizar os conceitos e terminologias linguísticas, porém não em si mesmos, mas buscando suas funcionalidades:

(16) [SegT12] - há uma série... de conceitos teóricos... que têm nomes bonitos e sofisticados... mas que... na hora de serem empregados... deixam muito a desejar... eu não digo que nós não devamos... éh... estudar lingüística... não é esse o meu ponto de vista... eu acho... ao contrário... altamente pertinente -- estudei lingüística nesta Faculdade e não faço outra coisa... durante a minha carreira... senão utilizar os conceitos de lingüística -- mas não ... a lingüística pela lingüística... ou seja... né? o aluno... apenas operar com o que seja um sintagma... então... por que que é importante a noção de seqüência e a noção de sintagma?

Conforme Vogt (1980) o *masSN* surge após enunciados negativos, substituindo a primeira proposição, polifonicamente negada. No episódio abaixo, a proposição introduzida por *mas* “este programa reúne condições que para prover sua capacidade de entendimento e expressão” substitui a proposição polifonicamente subtendida do primeiro enunciado, qual seja: “este programa objetiva que o candidato armazene conhecimentos”. Essa primeira proposição é enunciativamente negada. Desse modo, produzi-se a *retificação*:

(17) [SegT19] - "assim... este programa... não objetiva que o candidato armazene conhecimentos especializados dos principais centros de interesse do idioma...

mas reúna condições... que provem... sua capacidade de entendimento... e expressão...

Em determinados momentos as sobreposições dos atos contra-argumentativos provocam um efeito cascata das inferências, isto é, o segundo SegT mínimo, introduzido pelo primeiro *mas*, sinaliza, de forma clara, a *função contrastante* (positivo x negativo / negativo x positivo) em relação ao primeiro. Não obstante, o terceiro SegT mínimo, introduzido pelo segundo *mas*, anula a inferência do segundo SegT mínimo. Nesse caso, a pressuposição “se a abordagem é superficial, então é dispensável” é suprimida pela enunciação de que é, sim, “fundamental que se fale”. Note-se a argumentação gerada inferencial e recuperada enuciativamente:

(18) [SegT15] - eu gostaria de falar de um problema que eu toco aqui no meu trabalho com alguma profundidade mas aqui eu vou ter que ser um pouco superficial... mas eu acho fundamental que se fale disso... agora... é o problema dos cursinhos... e do vestibular...

Assim como visto em (18), nem sempre se encontra na superfície textual as marcas contrastantes vinculadas pelo conector. Na função pragmática, por exemplo, são os elementos atrelados à cena da enunciação que ajudam a determinar a oposição entre elementos textuais e, nesse caso, sem contraposição direta (ALOMBA RIBEIRO, 2005). Assim, não há uma oposição lógico-semântica entre o enunciado introduzido pelo conector e o SegT mínimo anterior dentro do episódio exposto em (19):

(19) [SegT17] - ele me disse que não se tomavam medidas neste nível... então eu desisti de discutir... achei que não valia a pena... comecei a examinar também... no trabalho... os livros adotados nos cursinhos... quer dizer... fora as apostilas... né... que são assim os macetes tradicionais... né? do vestibular... mas os livros... de vestibular... e os dois livros mais famosos são... o do Gualda Dantas... né? José Gualda Dantas... e do Celso Luft...

A contraposição geralmente ocorre em *direções argumentativas opostas*. Contudo, é possível que esse processo se quebre em parte ocorrendo, por conseguinte, contraposição na mesma direção argumentativa. Dessa maneira, o segundo enunciado apresenta um aspecto também positivo ou negativo, conforme o anterior (NEVES, 2000). No trecho a seguir, há, ainda, a função aditiva:

(20) [SegT18] - com base em textos apropriados e significativos... procura-se medir... não só conteúdos programáticos... mas ainda e sobretudo... capacidade de compreensão... análise... síntese... avaliação dos fatos lingüísticos presentes na comunicação...

Por outro lado, a contraposição em direção argumentativa oposta introduzida por *mas* pode levar a eliminação da proposição anterior. Trata-se da *marcação de eliminação* (NEVES, 2000). Sob esse prisma, a proposição em (21) “mas isso não tem importância” elimina o enunciado anterior. Nesse contexto, a locutora da EF comenta sobre a mudança de estratégias em sua enunciação, na direção que toma para explicar aos interlocutores o tópico discursivo, bem como acerca do entendimento do aluno acerca das atividades de sintaxe propostas. Assim, essa mudança está sumarizada no SegT mínimo “quer dizer eu tive que mudar um pouco o tom e mudar... Toda a ideia inicial”. Essa sumarização é eliminada do ponto de vista argumentativo:

(21) [SegT20] - quer dizer eu tive que mudar um pouco o tom e mudar... toda a ideia inicial... mas isso não tem importância

No último segmento analisado, há duas construções concatenadas. Na primeira, o valor prototípico adversativo assinalado pelas pressuposições “há uma palavra que permite próclise e próclise é correto” x “o aluno não usa próclise por não achá-la correta”. Na segunda ocorrência do SegT 22, uma *anulação de inferência*. Ao enunciar “mas pelo menos a próclise correta” a locutora anula a inferência “o aluno usa a próclise de forma errada”. Entretanto, essa inferência não está pressuposta anteriormente ao *mas*, isto é, no SegT mínimo anterior, dentro do episódio, qual seja “embora em registros formais... em conferências... em... requerimentos a gente ainda use...”, como se observa no trecho:

(22) [SegT22] - ele nunca... usou a mesóclise... que realmente... não é de... de uso corrente... e muito menos pensaria... que se ele colocasse "ele" ou "ela se poderia transformar"... isto estaria correto porque há um sujeito antes... há uma palavra que permite a próclise... mas ele acha que a próclise por princípio está errada... porque a ênclise é mais certa... e me comete um erro desse tipo... né? a mesóclise realmente é muito pouco usada... embora em registros formais... em conferências... em... requerimentos a gente ainda use... mas pelo menos a próclise correta...

Em outras palavras, o *mas* recupera uma inferência no contexto da enunciação. De fato, as enunciações nem sempre se vinculam em termos de relações lógicas entre si, mas estabelece-se por vínculos e suposições presentes na memória de trabalho (SPERBER; WILSON, 2001). Nesse sentido, no conjunto de suposições presentes no discurso da EF, infere-se o mau uso da colocação pronominal dos alunos em oposição aos professores. Dessa forma, no último SegT mínimo “mas pelo menos a próclise correta” expressa-se uma contrariedade pragmática com um conteúdo proposicional não expresso na enunciação, entretanto presente no contexto cognitivo do SegT em geral. Vale destacar que a noção de tópico discursivo e da divisão em segmentos tópicos permite maior mobilidade na recuperação da significação dos SegT vinculados pelo conector na enunciação.

Como síntese da análise e descrição empreendida nesta seção, é possível sintetizar às funções específicas encontradas no *corpus* e determinadas pela literatura, consoante os seguintes termos: (i) função adversativa prototípica; (ii) função aditiva; (iii) função de abertura de SegT mínimo; (iv) função de restrição; (v) função de quebra de expectativa; (vi) função retificadora como *masSN*; (vii) função substitutiva como *masPA*; (viii) função de contraste (positivo x negativo e vice-versa); (ix) função de objeção; (x) função de eliminação de inferência e de proposição; (xi) função pragmática. Demonstrou-se, igualmente, que a direção argumentativa se efetiva positivamente, como na mesma direção.

De forma geral, apesar do texto ser monológico, a cena da enunciação pressupõe interlocutores e, nesse sentido, a argumentação interna direcionada pelo conector pressupõe a intencionalidade de quem enuncia em organizar os movimentos argumentativos e contra-argumentativos como forma de facilitar o entendimento e as conclusões pretendidas.

Além disso, fica patente a presença de funções que ocorrem na modalidade escrita. Em outros termos, na elocução formal oral apressentam-se características das construções sentenciais articuladas por essa conjunção, com as mesmas funções que se efetivam na escrita. Tal fator, deve-se, como apontado, para a natureza do contínuo oral-escrito do estatuto do tópico discursivo (JUBRAN, 2006; CASTILHO, 2004).

Contudo, o *corpus* deste trabalho mostrou interessante idiosincrasia, a saber: a superposição de construções contrastivas em um mesmo SegT. Assim, para além da

construção *p mas q*, há a inserção de construção, aparentemente, do tipo *p mas q mas r*. Não obstante, em decorrência dos limites deste artigo, esse elemento precisa ser estudado mais detidamente, com mais precisão e em um *corpus* mais amplo.

Em síntese, a presente análise empreendida neste trabalho: (i) aponta para a intercorrência de funções textuais e interacionais para o conector *mas*; (ii) os aspectos interacionais sinalizam-se não somente em SegT prosódica e interativamente marcados, mas também nos SegT em que o sentido vinculado pelo conector se dirige à cena da enunciação, em funções metapragmáticas; (iii) o conector em estudo vincula lógica, semântica e pragmaticamente SegT mínimos; (iv) as taxionomias quanto aos tipos de funções apresentadas no marco teórico deste trabalho se mostraram válidas para a descrição da multifuncionalidade do conector *mas* na elocução formal.

No entanto, é possível que existam outras funções não encontradas nas ocorrências aqui descritas. Tal fator depende da constituição de um *corpus* maior. Tal como aponta Urbano (1999), o texto dialogado, por exemplo, apresenta funções mais interativas para os conectores. No caso da EF, determinados elementos da interação estão pressupostos, mas sinalizados no nível metapragmático.

Considerações finais

Este artigo analisou do ato contra-argumentativo como parte da articulação tópica dos SegT ou episódios de uma elocução formal. A análise semântica, argumentativa e pragmática das ocorrências demonstrou como os SegT contra-argumentativos se realizam em diversos graus de manifestação, cujas fronteiras não são precisamente marcadas, se considerado apenas o nível sintático da segmentação. Pode-se inferir que a produtividade dessas construções e a presença do *mas* se colocam como elementos fundamentais na organização tópica do texto, notadamente, na articulação de SegT em diferentes proporções.

Por conseguinte, tomado sob uma ótica argumentativa, a presença desse conector na articulação tópica sinaliza diversas funções, desde a prototípica até destacadas estratégias metapragmáticas. Dessa forma, se colocam como formas do enunciador organizar a

argumentação, recuperar informações implícitas, sinalizar elementos do contexto enunciativo e determinar os argumentos postos em proeminência.

Apesar da dimensão reduzida do *corpus*, é possível estender os procedimentos aqui adotados a um conjunto de elocuições, para um estudo mais quantitativo das funções, por exemplo. Todavia, a averiguação mais circunscrita mostrou-se eficaz em validar o disposto na literatura, bem como demonstrar a produtividade de funções não prototípicas.

Diante disso, este estudo buscou contribuir para o aprofundamento de pesquisas acerca das funções dos marcadores discursivos na articulação tópica. Finalmente, espera-se que este trabalho possa fornecer subsídios para a descrição das ocorrências com *mas* em textos orais, tendo em conta que o conjunto de pesquisas referentes à Gramática Textual-Interativa não tem ainda fechada a discussão sobre as funções textual-interativas dos conectores. Igualmente, os estudos da Pragmática e da Semântica Argumentativa recorrem, principalmente, aos textos escritos para descreverem as funções do conector contra-argumentativo.

Referências

- ALOMBA RIBEIRO, M. D'A. *Los conectores argumentativos en los aprendices hispanohablantes de portugués*. 2005. 271 f. Tese (Linguística Aplicada) – Departamento de Filologia, Universidade de Alcalá, Alcalá de Henares, 2005.
- ANTUNES, I. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005
- ANSCOMBRE, J. C.; DUCROT, O. *La argumentación en la lengua*. Editorial Gredos: Madrid, 1994.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BRANDÃO, H. H. N. Coesão e interatividade em texto de elocução formal. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, v. 44: 239-250, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637079/4801>>. Acesso em: 27 jun. 2017.
- CASTILHO, A. T. *A língua falada no ensino de português*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- DIJK, T. A. *Cognição, discurso e interação* (org. e apresentação de Ingedore V. Koch). 6. ed. 1. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

FÁVERO, L. L.. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1999.

_____. *Coesão e Coerência textuais*. São Paulo: Ática, 2003.

JUBRAN, C. C. A. S. Atividades de composição do texto falado: a elocução formal. In: CASTILHO, A. T; BASÍLIO, Margarida (orgs.). *Gramática do Português Falado*. Volume IV: Estudos descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996.

_____. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, v. 48 (1): 33-41, 2006. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1541/1113>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

JUBRAN, C. C. A. S. *et al.* Organização tópica da conversação. In: ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do português falado: níveis de análise linguística*. 4 ed., v. 7. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

KOCH, I. G. V. Estratégias pragmáticas de processamento textual. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, v. 30: 35-42, jan./jun, 1996. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1684/4229>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

MONTOLÍO, E. *Conectores de la lengua escrita: contraargumentativos, consecutivos, aditivos y organizadores de la información*. Ariel S. A. Barcelona, 2001.

NEVES, M. H. M. Gramática de usos do português. São Paulo: Editora UNESP, 2000, 4 reimpressão.

PENHAVEL, E. *O funcionamento de marcadores discursivos no processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos*. Revista Língua, Campinas, ed. 27-28, 2011. Disponível em: <<http://www.revistalinguas.com/edicao27e28/artigo4.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

_____; GARCIA, A. G. Tipos de linearização tópica na Gramática Textual-Interativa. *Fórum linguístico*, Florianópolis, v.14, n.1, p.1 792 - 1807 , jan./mar.2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2017v14n1p1792/33765>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

PINHEIRO, C. O tópico discursivo como categoria analítica textual interativa. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, v. 48 (1): 43-51, 2006. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1542/1115>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

PORTOLÉS, J. *Marcadores del discurso*. Barcelona: Ariel S.A. , 2001.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. rev. Volume VI: Desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 21-103.

SELLA, A. F. Funções do *mas* em um texto oral-dialogado. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.11, n.2, p.311-327, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/115/84>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevância: comunicação e cognição*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2001.

URBANO, Hudinilson. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.) *Gramática do Português Falado*. 2. ed. v. 07: Novos estudos. São Paulo: Editora Unicamp, 1999.

VOGT, C. De *magis* a *mas*: uma hipótese semântica. In. VOGT, Carlos. *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: HUCITEC, 1980.

WELP, A.K.S. Uma visão argumentativa do *mas*. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 299-325, mar. 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/13737/9120>>. Acesso em: 29 jan. 2017.